J. N. CARNEIRO LEÃO

DO ENSINO E DOS SEUS FACTORES

These de concurso á Cadeira de Pedagogia da
ESCOLA NORMAL DO AMAZONAS — Manáos

—JANEIRO de 1925—

Typ. do CA' e LA'
Rua J. Sarmento — 12
—Manáos—

J. N. CARNEIRO LEÃO

DO ENSINO E DOS SEUS FACTORES

These de concurso á Cadeira de Pedagogia da
ESCOLA NORMAL DO AMAZONAS — Manáos

—JANEIRO de 1925—

Typ. do CA' e LA'
Rua J. Sarmento — 12
—Manáos—

Do ensino e dos seus factores

INTRODUCÇÃO

A pedagogia é o estudo que tem por fim desenvolver as faculdades do homem no sentido de adaptal-o á luta pela existencia, tornando-o util, activo e capaz de produzir. Ou, mais simplesmente, «a Pedagogia é a theoria da arte de ensinar»,

Tendo em vista ser a Pedagogia uma materia que evolue de accôrdo com o progresso humano, não podendo por isso os seus processos de ensino obedecer rigorosamente a principlos systematizados, ella não deve ser classificada como sciencia, conforme apparentemente se nos apresenta.

Assim já pensava Augusto Comte, quando deixou de incluil-a em o numero das sciencias que classificou.

Todavia tem ella suas leis immutaveis, com o concurso das quaes orienta a complexidade dos seus fins na sociedade.

De facto, causas regulares e methodicas influem no desdobramento do processo do ensino e, de tal sorte se integram e se completam, que não se pode negar a sua homogeneidade, realizando o seu objectivo maior que é aproveitar o conhecimento de uma geração passada para transmittil-o à outra vindoura, depois de convenientemente modificado e adaptado ás condições especialissimas desta ultima.

Ao professor, que é o agente realizador da obra de que a Pedagogia é a synthese, cumpre applicar os

methodos que naturalmente se impõem regularizando-os de accôrdo com as necessidades do meio e da pratica, para melhor adaptar o ensino em proveito individual e da sociedade.

E se ha, como exacto e positivo, uma serie de principios regulares em todos os factos sociaes que são dependentes de outros que, no conjuncto, constituem as leis de determinado phenomeno, a Pedagogia não poderia escapar a esta regra, sobremodo preciza e absoluta porque della decorrem os outros factos e motivos de seu proprio fim.

As nossas modestas observações em torno do ensino e seus factores, longe de possuirem a pretenção de ser inedictas, resultam de pesquizas ou estudos pelos quaes assimilámos, tanto quanto possivel, dado a falta de obras especiaes nesse assumpto e a exiguidade de tempo, o necessario, indispensavel mesmo, para o nosso trabalho.

Aquelles que, profissionaes da materia, encontrem falhas neste despretencioso estudo, queiram amplial-o e completal-o de modo que a these não se resinta do fulgor e brilho dos competentes.

CAPITULO I

Do ensino

Sem outro intuito senão o de dar á nossa modesta obra toda a clareza e opportunidade, vamos tentar um estudo summario do ensino, que é a fonte em que se inspiram e repousam todos os principios pedagogicos adoptados pelo systema moderno de instruir e ensinar.

Não ha em nosso objectivo a tendencia para uma generalização pois não comportaria numa simples dis-

sertação amplitude maior do que a necessaria á justificação que temos em vista.

Do Professor

Muitos predicados são necessarios ao professor para merecer o titulo de verdadeiro genio, de professor modelo. Para tanto elle devia, por exemplo, ser: são em moral, competente em conhecimentos, recto em julgamento; amavel no trato; firme em vontade; um genio em fim, qualidades estas assaz difficeis de se reunirem numa só individualidade, uma vez que, se isso pudesse succeder, exprimiria o expoente maximo da perfeição, o que vae de encontro ao caracteristico da humanidade imperfeita.

As considerações acerca do professor tem por fim, de um modo geral, conduzil-o para que elle possa, honesta e criteriosamente, desempenhar a sua missão formando os verdadeiros homens de amanhã.

O professor deve saber clara e profundamente aquillo que pretende ensinar.

O conhecimento imperfeito só pode produzir ensino imperfeito; o que o individuo não sabe não pode ensinar e «se pretender ensinar o que não sabe, naturalmente não sabe aquillo que ensina».

A imcompetencia do professor provoca, até certo ponto, o desinteresse do alumno que, instictivamente, repelle o ensino. Ao contrario, se o professor revela seguros conhecimentos do que pretende ensinar, desperta no alumno o desejo de saber mais daquillo de que o seu professor é profeciente.

Comtudo, torna-se indispensavel que o professor allie a sua competencia o dom de incutir no alumno o amor ao estudo. A escassez deste predicado acarreta verdadeiro insucesso, principalmente no alumno de tenra idade.

Do exposto deduzem-se algumas regras que os professores devem ter em mira para o bom exito de sua missão: são as seguintes:

1.º Familiarizar-se com a lição toda vez que tenha de ensinar. Como tudo se gasta com o tempo, os conhecimentos adquiridos terão soffrido modificação no espaço de um anno lectivo para outro, e, alem do mais, os conheeimentos novos fortalecem e inspiram melhor as nossas ideias.

2.º Estabelecer nas suas lições comparações do assumpto em questão com os conhecimentos mais familiares ao alumno, illustrando as narrações para melhar gravar no seu espirito.

3.º Estudar a lição de modo a poder explical-a em linguagem clara e simples. A clareza da lição ou da explicação traduz sempre um pensamento lucido que se fixa melhor.

4.º Conduzir a lição de modo a estabelecer ligação entre os diversos factos nella contidos.

5.º Procurar estabelecer relação da lição com a vida e deveres do alumno, o que tornará mais facil o ensino e concorrerá para o seu desenvolvimento.

6.º Aproveitar todo o auxilio extranho sem, comtudo, considerar-se satisfeito emquanto os conhecimentos não fizerem parte integrante de seu espirito.

7.º Estudar os aspectos de todos os assumptos e especializar-se em alguns. Um conhecimento perfeito vale mais do que mil superficiaes,

8.º Ter um plano de tudo, porem estudar alem desse plano

Observadas as regras por que se deve reger o professor, temos necessidade, que estudar tudo que possa interessar ao alumno. E o que vamos procurar no

CAPITULO II

Do alumno

A attenção: — A attenção é a attitude em que o poder pensante se inclina positivamente para algum objecto ou percepção.

De facto, esta attitude, que não deve ser de repouso e sim de trabalho e esforço, é o dominio da vontade dirigindo todas as faculdades para um determinado fim.

Se uma pessôa em posição indifferente, distrahida, como vulgarmente dizemos, olhar vago e indeciso, muda repentinamente, de posição como que acordada de um sonho, todo seu ser se agita, os seus olhos scintillam, tudo em fim, no seu organismo, assume um aspecto de actividade, de vida mesmo, como aconteceria a um exercito que, achando-se em repouso, ouvisse o toque do alarme seguido do de sentido. E' a faculdade de pensar que se desperta, a mente que se põe em acção. E' a esta attitude de alerta, na qual todos os elementos do organismo vibram no mesmo esforço, que chamamos attenção.

A attenção, — a primeira phase do aproveitamento do alumno — pode ser expontanea ou forçada:

a) expontanea, quando despertada naturalmente pelo desejo de observar ou conhecer; é adquirida sem esforço e com satisfação.

b) forçada quando coagida por elementos imperiosos como o dever ou a obediencia.

Emquanto que a primeira é ardente, poderosa e duradoura, na qual a mente é guiada por interesses e avidez em conquista da posse do objecto em vista, a segunda é fria, deprimente e ephemera. Exemplifiquemos: a attenção expontanea é a da creança ao contemplar

uma ave de côres variadas, facto que lhe absorve todos os sentidos, ficando como que arrebatada; os conhecimentos adquiridos nesta attitude — côres, formas, movimentos, etc., da ave, ficam indelevelmente gravados em sua memoria.

A attenção forçada é aquella pela qual a creança é compellida a trabalhar sem interesse, unicamente para obedecer a um dever ou a uma ordem; neste caso o rosto e a mente caminham em sentido opposto, resultando nada aproveitar.

Uma attenção forçada pode muitas vezes mudar para expontanea, desde que appareça uma causa nova que provoque o interesse da parte do observador, que, no nosso caso, é o alumno; assim como uma attenção expontanea pode transformar-se em forçada, uma vez que desappareçam ou enfraqueçam as causas que motivaram a expontaneidade.

Um professor que explica o alumno sem se preoccupar em interessal-o, não pode esperar por em evidencia os seus sentidos, isto é, prender-lhe a attenção, e todo o seu trabalho será recebido passiva e indolentemente, sem que fique gravado na memoria despreoccupada.

O mesmo não se dá se o professor intelligente procura impulsionar a actividade do alumno pelo dever, promettendo-lhe recompensa ou estimulando-lhe a sympathia.

A attenção attinge o seu mais elevado gráu quando o assumpto interessa e no qual todo o ser do alumno se empenha e todos os sentidos, num esforço combinado, concentrando os seus recursos, trabalham para o mesmo fim.

Os pensamentos para serem transmittidos, necessitam de provocar na mente receptora uma acção correspondente a que concebeu: a ideia só pode ser assimila-

da, sendo pensada de novo pelo assimilador.

A mente do alumno tem que trabalhar, não de um modo vago, mas com attenção. Ella sendo autonoma, como nos prova a propria natureza, repelle ou attrahe tudo que a cerca, dependendo unicamente do interesse ou repulsa de que está amimada,

A força de sua acção, do mesmo modo que a força da acção muscular, é proporcional ao sentimento que a inspirou.

Este esforço poderá ser resumido nas seguintes regras, em proveito do professor:

1.º — O professor não deve começar a licção emquanto não estiver seguro da attenção do alumno; ao contrario, elle deve persuadir-se de que o alumno está presente mentalmente como está corporalmente; ou por outra, assegurar-se de que elle está com a attenção desejosa de comprehender o assumpto.

2.º — Sendo a attenção indispensavel ao ensino, o professor deve fazer uma pausa sempre que ella for interrompida e só recomeçar ou proseguir quando a attenção for restituidaa ao alumno.

3.º — O professor deve evitar que a attenção do alumno se exgote, mudando para assumpto mais novo, ou suspendendo a aula sempre que notar achar-se o alumno fatigado, ou distrahido por outro assumpto.

4.º — A duração da aula deve ser de accôrdo com a edade do alumno; quanto mais tenra a edade mais curta deve ser a aula.

5.º — Proporcionar descanso sempre que julgar necessario, podendo nessa occasião occupar o alumno com assumptos mais agradaveis, sem comtudo, desviar sua attenção da lição; ao contrario, sempre que for possivel approximar esses assumptos dos do ensino.

6.º — Conservar, tanto quanto possivel, o interesse do alumno no assumpto da lição. Sem interesse não pode haver attenção.

7.º — Os assumptos da lição devem ser expostos de accordo com a edade e caracter do alumno.

8.º — Procurar conhecer a inclinação do alumno para em torno della fazer-lhe perguntas e ministrar-lhe o ensino.

9.º — Evitar tudo que concorra para distrahir o alumno.

10.º — Manter o maior interesse na lição, tendo em vista que o entusiasmo é contagioso.

De par com esses conhecimentos indispensaveis que capacitam o professor moderno, não deve elle desconhecer ou ficar alheio aos mais recentes estudos acerca da educação scientifica da creança.

A Pedagogia moderna não é mais aquelle acervo de leis, regras e principios que faziam do professor o estatuario e da creança a simples massa bruta e insensivel de granito, donde, aplainando as arestas e debuxandoas facetas, fazia elle surgir o homem instruido e educado.

Hoje, porem, em face das recentes experiencias dos sabios allemães Berger e Flechsig, que averiguaram estar o desenvolvimento do cerebro infantil em proporção ao desenvolvimento systematico dos sentidos, e as de Feré, estabelecendo as relações correspondentes entre a agilidade physica e a mental, a creança deixou de ser aquella massa bruta de granito para ser considerada tambem, sob o ponto de vista pedagogico, como um organismo vivo, activo e consciente que passa por mutações e desenvolvimento varios na escala scientifica da physiologia e da psychologia.

Da insciencia ou ignorancia destes dois aspectos que envolvem a personalidade da creança, decorrem em materia de educação e ensino, o insuccesso do professor e o nenhum aproveitamento intellectual do aprendiz.

Não é, sem duvida, o conhecimento unico das drogas, da chimica e da terapeuthica que faz o bom medico, mas tambem e, sobre tudo, a sciencia do corpo humano, sua organização, natureza, funcções e enfermidades.

Assim tambem o professor mais versado nas leis e preceitos da pedagogia, porem ignorante da organização physica e psychica do alumno, perde os seus esforços e falha no seu magisterio.

Conhecendo, porem, o professor o estado physico e mental daquelle a quem vae ensinar, facil lhe será a tarefa, visto que o estudante anormal no seu physico ou no seu intellecto, exige e requer methodos differentes de ensino que o são e perfeito.

Para consecução deste objectivo, faz-se mister indispensavel a cooperação médice-pedagogica, hoje considerada imprescindivel nos paizes onde a instrucção e a educação mais se tem modernizado e aperfeiçôado. Essa cooperação medica na escola, porem, não se limita e restringe, nas nações mais civilizadas, a simples intervenção prophylatica e hygienica, mas abrange a esphera educativa e pedagogica da escola.

E' que o medico, mais competente que o professor em materia de physiologia, poderá descobrir a anormalidade, os defeitos e os atrazos physico da creança, por onde se lhe poderá aferir a deficiencia mental e moral.

De posse destes informes o pedagogista ou o mestre poderá ministrar ao estudante conhecimentos proporcionaes á sua capacidade physico psychica.

Mas os esforços do professor e do medico, neste

sentido, redundarão em fracasso, se, ao lado da escola e da medecina, não estiver a cooperação do lar.

Os mais sabios e efficientes educadores são os paes, quando compenetrados de seus deveres e conhecedores do systema moderno de educação. Não estorvar a obra da escola, mas com ella cooperar, deve ser a sua preoccupação. E para que esta cooperação sejaefficiente e proveitosa, é necessario que os paes. como sabiamente acouselha Ley, não se descuidem de fazer examinar a creança pelo medico desde a mais tenra edade até a epocha escolar.

Os primeiros rudimentos de hygiene, asseio e prophylaxia, tanto do corpo como do espirito, devem ser ministrados no lar, porque a obra da escola será nulla se no lar a creança não fôr convenientemente educada sob este ponto de vista.

De facto, o ambiente da familia, envolvendo a creança desde os seus primeiros albores e acompanhando-as *par* e *passo* até o maximo do seu desenvolvimento consciente, torna os paes instinctivamente educadores de seus filhos.

Dissemos instintivamente, porque em geral os paes desconhecem as regras da educação e desenvolvem o processo de repetição systematica e rotineira, herdado de seus antepassados.

E esses ensinamentos recebidos na familia perduram durante toda a existencia do individuo, embora a escola ou um novo meio por elle procurado tente modificar taes conhecimentos.

Como muito bem diz Perez, «os primeiros bancos da escola são os joelhos da mãe».

Deste modo cumpre aos paes ministrar a seus filhos uma educação util e proveitosa, para cujo *desidera-*

tum se lhes tornam indtspensavel solidos conhecimentos pedagogicos, a exemplo do que se procede nalguns paizes civilizados, onde se estabelecem escolas destinadas unicamente ao preparo pedagogico da familia.

A propria historia pedagogica, na pessôa do Abbade Girard, nos fornece um bom exemplo no qual esse admiravel educador tomou por base do seu methodo de ensino, a lição adquirida no lar, onde sua propria mãe administrava com carinho e proficiencia a educação a elle e mais quatorze irmãos.

CAPITULO III

Da linguagem

Expostos assim as considerações a cerca dos actores, professor e alumno, passemos a estudar os factores, mentaes, linguagem e lição, como meio de communicação entre ambos.

Tambem chamada vehicula do pensamento, a linguagem é o instrumento de que se serve o professor para transmittir, por meio de signaes, sons, caracteres e palavras os conhecimentos a ministrar.

No ensino perfeito o pensamento tranzita em duas direcções oppostas:—do professor para o alumno e do alumno para o professor. — Assim as duas mentes teem de ser trazidas a uma communhão intellectual, ou, por outras palavras, a uma troca de ideias e de sentimentos, resultando dahi a necessidade imperiosa do professor entender claramente o alumno e este igualmente ao professor.

A creança tendo, por exemplo, uma ideia obscura sobre certo conhecimento, é dever do professor pesquizar até onde vae sua comprehenção desta Ideia para melhor completa-la e corregil-a.

Este capitulo, como os dois precedentes, offerece al-

gumas regras que passamos a expôr, para governo do professor:

1.º—Conhecer tanto quanto possivel, por meio de indagações, o cabedal intellectual do alumno para poder expôr o assumpto da lição no limite do seu conhecimento, provocando para isso que elle manifeste suas ideias a respeito.

2.º Transmittir seus pensamentos servindo-se de linguagem ao ancance do alumno, tendo o cuidado de corrigir alguma significação erronea que elle possa dar, usando o menor numero de palavras, estas mesmas de simples significação.

3.º As suas sentenças devem ser simples, claras e curtas para estimular a mente do alumno e não lhe cansar a attenção, repetindo-as caso não sejam por elle comprehendidas e, se possivel for, com mais simplicidade.

4.º Tornar, como recommenda Pestalozzi, o ensino mais claro por meio de illustrações, preferindo para o alumno de tenra edade, usar de pinturas e objectos seus familiares.

5.º Ter o cuidado de apresentar a ideia do assumpto antes de ensinar uma palavra nova, tendo em vista que esta deve exprimir a extensão e clareza de seu significado.

6.º Permittir, exigir mesmo, que o alumno fale francamente sobre a lição, visto como a aquisição da linguagem é um dos objectivos mais importantes da instrucção.

7.º Como a natureza não dá salto, o ensino para ser seguro, deve ser ministrado methodica e calmamente, deixando que cada palavra seja tomada em seu amplo sentido, para cujo mister deve o professor experimentar amiudadamente o alumno afim de certificar-se do modo porque elle interpreta o assumpto.

8.º O professor deve procurar excitar novos intercs-

ses e actividades, fazendo perguntas ao alumno; a lição que não finda com perguntas, finda mal.

9.º Procurar accordar a mente com assmuptos que lhe chamem attenção até que o alumno, manifeste interesse, fazendo-lhe perguntas; nessse sentido será sempre de aproveitamento deixar margem para novas perguntas quando disser alguma coisa para illustrar ou explanar a lição.

10.º Evitar responder rapidamente, convindo, em certos casos, responder com novas perguntas as feitas pelo alumno para obrigal-o a pensar mais profundamente.

II Não exgottar de todo o assumpto sobre que dissertar; deixar sempre algo para ser elucidado pelo alumno

CAPITULO IV

Leis de lição

Os trez capitulos precedentes determinam um quarto, que comprehende o da lição propriamente dita.

A lição é o facto ou o conhecimento que o professor procura transmittir ao alumno. Por ella o alumno vae assimillar novos conhecimentos, tendo por baze os factos conhecidos e de accôrdo com o dezenvolvimento de sua propria natureza.

O conhecimento pode ser conhecido e desconhecido.

Quando alguem está de posse de um facto, diz-se conhecer deste facto, ou melhor este facto lhe é conhecido.

Quando se ignora um facto, isto é, quando o assumpto lhe é estranho, diz-se que o facto e o assumpto lhe são desconhecidos.

Muita coisa que ao professor é conhecida, é para o alumno desconhecida e é neste caso que a nossa lei tem

applicação, transmittindo ao alumno o que elle desconhece e que o professor deseja ministrar.

Para isto é mister que o professor pesquize, tanto quanto possivel, sobre o preparo anterior do alumno para tomar o limite maximo dos seus conhecimentos como base da lição que vae ensinar.

No caso da lição ser inteiramente nova, o professor deverá procurar nella, alguma coisa, com que possa comparar a outras coisas conhecidas, e só proseguir no ensino quando se convencer de que o alumno comprehendeu esta comparação de modo a ter ideia do que vae aprender e assimilar.

Todo ensino tem que ser methodica e gradativamento feito, isto só pode ser conseguido ligando factos simples a factos geraes, tirando as conclusões das premissas

Em resumo, cada novo facto ou conhecimento tem que ser exposto em connexão com factos ou conhecimentos já revelados.

Assim para a creança ter ideia exacta de uma fruta, precisa conhecer outra fruta; para ter ideia de um planeta terà necessidade de estudar e conhecer a terra.

Do exposto resultam necessariamente as seguintes regras para o professor:

1.º—Procurar inteirar-se do que o alumno sabe com relacão áquillo que vae ensinar, para fazer seu ponto de partida do extremo do conhecimento daquelle.

2.º—Aproveitar, o melhor possivel, os factos já conhecidos do alumno e relativos a licão, explicando simultaneamente a extensão e o valor do que elle sabe para estimular-lhe o desejo de saber mais.

3.º—Exigir do alumno uma exposicão do que elle sabe para levar-lhe á fronteira de desconhecido.

4.º—Começar as licões pelo factos desconhecidos mais proximos do conhecimento do alumno, de modo que elle possa assimilar com pequeno esforço, estabelecendo ligação da lição com as anteriores,

5.º—Procurar illustrações nos conhecimentos mais communs que se prestem á occasião, afim de que estas illustrações possam transmittir eguaes conhecimentos com relação ao objectivo da lição.

6.º—Tornar cada facto familiar ao alumno, procurando fazel-o guardar bem os conhecimentos novos para servirem de ponto de partida a outros conhecimentos.

7.º—Estimular o alumno a fazer uso dos seus conhecimentos pelos meios mais praticos para adquirir os factos dssconhecidos, ensinando-lhe que o conhecimento dá poder para assimilar novos conhecimentos. O conhecido é a chave do desconhecido.

8.º—E' indispensavel que cada conhecimento fique elucidado, pois do contrario, não poderá o alumno apropriar-se de novos conhecimentos pelo modo imperfeito com que adquiriu uma noção anterior.

CAPITULO V

Proposições

1.ª

A instrucção publica — este thermometro da cultura de um povo—é a instituição mais humanitaria que uma nação pode ter.

A sua obrigatoriedade não deve ser encarada como coação, visto caracterizar a liberdade do regimem democratico, garantindo o direito do fraco que, no caso, é a creança.

2.ª

A maior importancia da educacão motora está na influencia que ella exerce sobre o systeman ervoso. O indi-

viduo habituado a certo trabalho fatiga-se muito menos por saber coordenar os movimentos de modo a dispender em energia muscular o estrictamento necessario para a realização do acto que tem em vista.

3.ª

— O systema nervoso do organismo physicamente educado economiza energia muscular necessaria para o esforço a produzir, evitando o excesso que, por uma irreflexão ou precipitação, teria de gastar.

4.ª

— A gymnastica moderada e opportuna equivale ao mais poderoso tonico do organismo. Ella, methodizando systema nervoso, corrige o desequilibrio que os exercicios funccionaes occasionam no desenvolvimento muscular, evitando a atrophia de uns musculos e a hypertrophia de outros, isto é—equilibrando-os.

5.ª

A educação intellectual tem duas phases distinctas que se completam num só todo: a basica, recebida no lar, onde a experiencia é suprida pelos conselhos, educação e exemplos dos paes, phase esta tambem chamada de experiencia pessoal e de imitação, e a de conhecimentos didaticos, subordinados a um programma, ministrados pela escola.

6.ª

—Se bem que, para supprir as necessidades da vida, devamos a maioria dos nossos conhecimentos a outras fontes que não seja a instrucção, esta, quando bem feita, apurada methodica e systematicamente, eleva sensivelmente e intelligencia multiplicando-lhe o poder.

7.º

—O papel de instrucção é completar a organização mental da creança, 'rectificando e corrigindo as noções

adquiridas expontaneamente, de modo a tornar a intelligencia efficaz e fecundamento util para elucidar a vida.

8.º

A educação moral resulta da combinação consciente do instincto social com o desenvolvimento mental do homem. Ambos estes factores agem como instrumentos que a educação apura no sentido de constituir o ser moral

9.º

—Na educação moral o carinho e a bondade são de grande efficacia, despertando e produzindo movimentos affectivos, tão uteis na assimilação da pratica dos habitos; os processos coactivos são imperfeitos e muitas vezes perniciosos, razão por que devem ser limitado o seu emprego a determinados casos excepcionaes.

10.º

Dentre as tendencias geraes e não definidas, o professor poderá modificar o caracter da creanca, educando-lhe a vontade no sentido de dominar os impulsos irreflectidos, conter as emoções e fugir ao dominio das paixões.

Manáos, Janeiro de 1925.

João Netto Carneiro Leão.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura